

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GIOVANNI FERREIRA PITILLO

A ESPACIALIDADE DA MEMÓRIA E SEUS INTERTEXTOS

Uberlândia-MG

Agosto de 2026

GIOVANNI FERREIRA PITILLO

A ESPACIALIDADE DA MEMÓRIA E SEUS INTERTEXTOS

Memorial apresentado ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para promoção a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme Resolução 03/2017 do Conselho Diretor.

Uberlândia-MG
Agosto de 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P684e Pitillo, Giovanni Ferreira, 1962-
2026 A espacialidade da memória e seus intertextos [recurso eletrônico] /
Giovanni Ferreira Pitillo. -- 2026.

Memorial Descritivo (Professor Titular) -- Universidade Federal de
Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.pt.2026.11004>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - Formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário(a)-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Diretoria do Instituto de Letras e Linguística

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1U, 2º andar - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4162 - www.ileel.ufu.br - ileel@ileel.ufu.br



ATA

ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA PÚBLICA DE MEMORIAL DESCRITIVO PARA A PROMOÇÃO DE DOCENTE DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO, NÍVEL C-IV PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR, NÍVEL D-1, DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR.

Aos vinte e dois dias de julho do ano de dois mil e vinte e seis, foi publicada a portaria DIRILEEL nº 613, que dispõe sobre a composição da Comissão Especial para avaliação da defesa de Memorial Descritivo apresentado pelo Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo, como parte das exigências para promoção na carreira da Classe de Professor Associado, nível C-IV para a Classe de Professor Titular, nível D-I, da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia. A Comissão foi designada, tendo como membros titulares, a saber: 1) Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro - ILEEL/UFU - (Presidente); 2) Profª Drª Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG); 3) Prof. Dr. Márcio Venício Barbosa (UFRN); 4) Profª Drª Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/UNEMAT) e como Membros Suplentes: 1) Profª Drª Selma Sueli Santos Guimarães (ESEBA - UFU) e 2) Profª Drª Karina Chianca Venâncio (UFPB). Aos doze dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e seis, às quatorze horas e trinta minutos, na modalidade híbrida, a Comissão Especial de Avaliação reuniu-se para avaliar o relatório de atividades e a apresentação de defesa pública do Memorial Descritivo, intitulado "A espacialidade da memória e seus intertextos", apresentado como parte dos requisitos para a promoção da classe de Professor Associado, nível C-IV, para a Classe de Professor Titular, nível D-I, da Carreira de Magistério Superior, pelo Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo, tendo como local físico a sala 1U213, Bloco U, e para o ingresso à sala remota o link: <https://conferenciaweb.rnp.br/sala/ivan-marcos-ribeiro>. O Presidente abriu a sessão, cumprimentando os/as presentes, elucidou as normas da defesa, e em seguida passou a palavra ao candidato. O candidato deu início à apresentação pública do seu Memorial Descritivo à Comissão Especial às 14h30min. Após a apresentação, os membros da Comissão arguíram o candidato, avaliando o seu Memorial Descritivo. Tendo por base os resultados da avaliação que foram discutidos pelos membros da Comissão na ausência do candidato e observando a resolução número 3/2017, do Conselho diretor - CONDIR, alterada pela Resolução SEI número 5/2018, do CONDIR, a Comissão Especial, após as devidas considerações, apresentou o resultado final da avaliação considerando o candidato, Prof. Dr. Giovanni Ferreira Pitillo, APROVADO. O memorial do Professor cumpre o requisito: pesquisa, ensino, extensão e gestão, possuindo todas as qualificações necessárias para a obtenção do título de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia. Nada mais havendo a tratar, eu, Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro, presidente da Comissão Especial de Avaliação, lavrei a presente ata que, após ser lida e aprovada, foi assinada por mim

e pelos demais membros da referida Comissão. Atestando esse resultado, a Comissão Especial encaminha a presente ata à Diretoria do Instituto de Letras e Linguística - ILEEL, para que sejam tomadas as providências. Uberlândia, doze de agosto de 2026.

Prof. Dr Ivan Marcos Ribeiro – (ILEEL UFU) - Presidente

Profª Drª Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Prof. Dr. Márcio Venício Barbosa (UFRN)

Profª Drª Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/UNEMAT)



Documento assinado eletronicamente por **Marisa Martins Gama-Khalil, Usuário Externo**, em 12/08/2026, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Josilene Pinheiro Mariz, Usuário Externo**, em 12/08/2026, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCIO VENICIO BARBOSA, Usuário Externo**, em 12/08/2026, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Marcos Ribeiro, Diretor(a)**, em 12/08/2026, às 20:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7594830** e o código CRC **4EE00A3A**.

Como todo bom mineiro quero ser
lembrado cum boa prosa, () cafezim
cheroso e pão de queijo quentim!



Être professeur de langues et littératures étrangères c'est savoir trouver la convergence de toutes sortes de langage. C'est partager tous les espaces physiques aussi que les temporels. C'est surtout savoir identifier, après de longues journées et de subtiles secondes le moment de récolter les grains. Au sujet de temps de récolte, je l'emprunte à Ecclésiaste « *Il y a un moment pour tout, et un temps pour chaque chose sous le ciel : un temps pour donner la vie, et un temps pour mourir ; un temps pour planter, et un temps pour arracher (...) un temps pour détruire et un temps pour construire (...) Un temps pour déchirer, et un temps pour coudre ; un temps pour se taire, et un temps pour parler.* » Cela nous indique qu'il faut comprendre la vie comme une construction dont les outils de travail jouent un rôle capital dans le résultat de l'ouvrage. Un professeur doit être un fin gourmet d'un plus grand nombre de grains récoltés et notamment les goûter l'un après l'autre, sans hâte. Il doit avoir des yeux pour voir non seulement tous les lampyres qui peuplent ses nuits d'été et remplissent l'espace-apprentissage de sa salle de classe, mais aussi tout autre insecte dont la luminescence n'est pas encore apparente et qui lui demande un regard d'encouragement. Un professeur de langues et de littératures étrangères doit donc sembler un prédicateur qui se tait quand il faut, qui fait construire de nouveaux chemins, qui coud les pensées en les accordant sur une trame insolite pour aboutir à ce qu'il devrait être : un connaisseur de sa glorieuse petitesse qui sait partager consciemment ses réussites aussi que ses échecs.

Chers collègues, soyons donc des médiateurs des langages pluriels !!!!

A todos aqueles que de uma forma ou de outra professoram e são capazes de se sensibilizar quando os sinos tocam.



Que o repique dos sinos se transmute em memória ecoando em uníssono a multidão de vozes constituintes do homem-professor que nunca se viu ilha e sempre viveu o espaço da partilha!

Je parle à ceux qui savent par le raisonnement aussi que par la sensibilité le pourquoi d'apprendre le français. À ceux qui ont une notion nette des plusieurs impacts de l'apprendre. À ceux qui ne se contentent pas de trouver de l'aide chez Google Traducteur ou même chez l'usage immédiate de l'IA. À ceux qui veulent s'affranchir des limites superficielles de la linguistique pour se reconnaître dans l'autre. On parle à tous ceux qui cherchent à s'imprégner du sentiment unique de partage. Apprendre une langue c'est appartenir à l'autre et s'y reconnaître.

Apprendre le français c'est oser avoir une certaine complicité avec l'autrui et, par exemple, se voir, en prenant du café dans un bistrot très sympa, tête-à-tête avec Rimbaud qui, à son tour, insiste pour ne rien dire de ses *Voyelles*. De même, c'est pouvoir envoyer un mél à Stromae en lui disant que vous aussi, vous ne savez pas où est votre papa. Il en va de même, c'est pouvoir se sentir touché par les malheurs du génocide rwandais même sans y être, par le biais magique du cinéma, d'ailleurs, à l'aide des frères Lumière. Apprendre le français c'est aussi appréhender d'emblée et par sensibilité ce que le petit enfant nègre, chéri à Guy Tirolien, disait en priant à Dieu pour lui permettre de rester comme les siens, d'apprendre en écoutant les histoires de Zamba.

Je parle, donc, à ceux qui comprennent que connaître une langue c'est partager un univers, c'est un exercice continu d'appartenance à l'autre, ce n'est pas une action conclue, au contraire, c'est un mouvement en spirale qui se développe en réverbérant à l'infini.

Finalement, en s'inspirant de Saint Exupéry, dans le célèbre *Terres des Hommes*, je reconnais le métier du professeur de langues comme une action grandiose puisqu'elle a le but d'unir les Hommes par les langues et leurs langages, en leur apprenant à être de vrais humains.

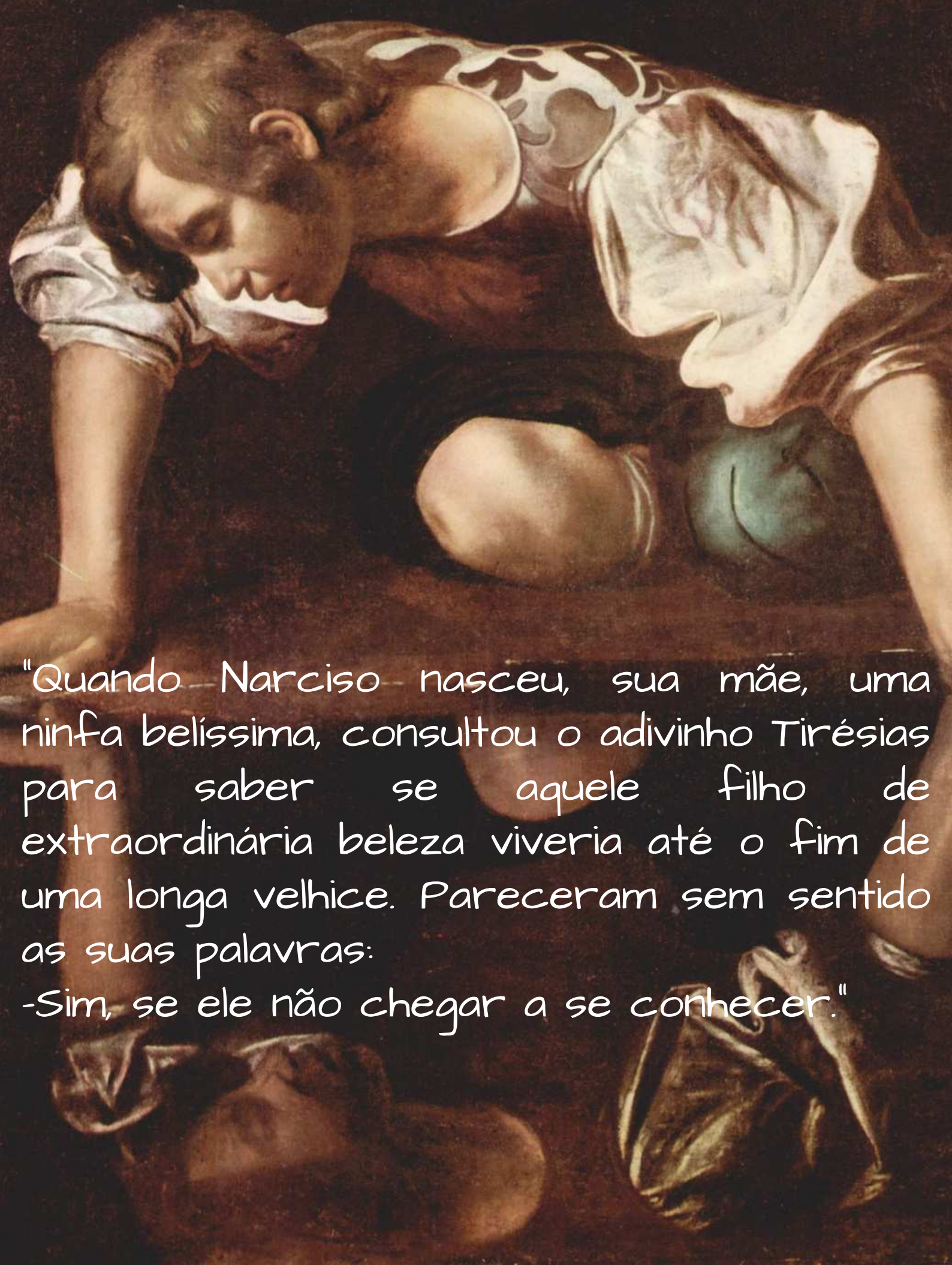
Alors... Pourquoi pas apprendre le français ?

Meu Memorial se desenha sob a forma de uma carta manuscrita, preenchida por lembranças circunstanciadas, sem a pretensão de anunciar uma despedida. Uma carta passível de ser sonorizada, esquecida em uma gaveta de uma escrivaninha, em uma sala de aula, em um espaço de ensinar; de aprender.

Por isso, como uma carta ilustrada, ávida de ser encontrada, ele não se rende às formalidades de um texto acadêmico, ao contrário, se desenvolve na fluidez de uma leitura descomplicada, cujas referências se atualizam na recepção de um leitor que nele se reconhece, sem, todavia, ser verdadeiramente surpreendido.

É nessa disposição de partilha que ele se faz texto e aguarda sua atualização no olhar e na escuta do outro que me faz, em um só tempo, ser igual e diferente.

Circunstância anunciativa



"Quando Narciso nasceu, sua mãe, uma ninfa belíssima, consultou o adivinho Tirésias para saber se aquele filho de extraordinária beleza viveria até o fim de uma longa velhice. Pareceram sem sentido as suas palavras:

-Sim, se ele não chegar a se conhecer."

É chegado o tempo de amarração da linha cíclica que de tão teimosa e ativa, inúmeras vezes se viu atada a alguns dos nós que compuseram minha narrativa.

Assim como Narciso que se admira incessantemente, o homem que se descobriu professor reverbera, nos incansáveis últimos trinta e cinco anos, a admiração narcisista pelo outro. O meu igual que me faz diferente.

Agora o tempo presente, autorizado pela modernidade, se projeta em direção a um passado que se renova em memória.

Com a aposentadoria avizinhandose, um misto de júbilo e de saudade ocupa meus pensamentos e cada aula proferida afigura-se me como última, como despedida.

Minha narrativa própria, assentada na sala de aula, não seria possível distante do espaço de aprender.

Minha condição humana, meu gênero, minha paternidade e minha fratria são as marcas que denunciam minha profissionalidade.

Durante todo tempo orientei-me pelo espaço em movimento. Transitei entre a cadeira de aluno e àquela de professor. No ir e vir dos espaços de afeto, ou seja, do lar à morada escolhida - a Universidade.

Confesso que durante a construção dessa narrativa, emprestei de Ariadne o fio que me conduziu pelos diferentes espaços escolhidos sem, contudo, me perder permanentemente.

Afortunadamente, não me deixei possuir pela contemplação narcísica, vencendo a inércia que lhe determina. Ao contrário, desloquei-me por diferentes espaços, reconhecendo neles o conforto e a estranheza que me levaram à constituição do que sou hoje, do que eu sempre serei - um professor aprendiz em constante processo de autoconhecimento.



Circunstância primeira

O espaço da(s) memória(s)- entre lugares ocupados e deliberadamente vazios.

*Não quero ser lembrado no espaço de um texto escrito,
tampouco em uma citação!*

Um renomado romancista francês obcecado pelo tempo e suas implicações na complexa natureza humana, sabiamente soube compreender, pela experimentação, o poder daquilo que pode ser memorável, seja no caminho percorrido que leva à casa de alguém, seja na transgressão linear do tempo, imortalizando a memória e atualizando o embate entre Chronos e Kairós. É esta a memória que me é cara. Que será resgatada por meio da escrevivência - procedimento de escrita protagonizado pela simplicidade de uma escritora brasileira que nunca se cansou de imprimir a memória da cotidianidade que lhe caracteriza.

Aquí, ousei emprestar a mesma metodologia para ensaiar, em meio a vários rabiscos e pontos desajeitados, o locus enunciativo da minha humanidade narrativa. Aos olhos desavisados, um espaço passível de ser memorável.

Na simplicidade do esboço de um desenho infantil traço minha “carta narrativa” na qual espaços foram ocupados por herança e pelo desejo de aprender, aliados à necessidade de demarcação de território. Carta essa, que registra, igualmente, espaços propositadamente desocupados e ou abandonados.

Uma trajetória que começa no início dos anos 80, mais precisamente em agosto de 1981, ano de ingresso, como discente, no curso de Graduação em Letras - Português/Francês desta universidade. Um curso de nove períodos, concluídos em dezembro de 1985. Os anos que se seguiram foram dedicados à docência e à formação acadêmica. O espaço da docência, naquele momento, teve, inicialmente, uma ação malsucedida na educação básica, mas, oportunamente, determinou a direção da minha prática docente. Lá nunca quero estar. Aventurei-me, pois, no espaço de afeto das aulas particulares de língua francesa, no qual fiquei até minha efetiva entrada

na docência de ensino superior, no início dos anos 90. A formação acadêmica, a princípio, foi ocupada pela realização de dois cursos de especialização em língua, literatura e civilização francesas, oferecidos por essa instituição, que foram desenvolvidos ao longo de quatro anos, até 1989.

Os anos 90 se apresentaram desafiadores. Atuei como professor substituto no Curso de Graduação em Letras - Português/Francês, desta instituição, em 1989, 1990, 1991 e 1992. Esses anos, foram também ocupados por três tentativas frustradas de cursos de pós-graduação nível mestrado. Circulei, à maneira de um andarilho, experimentando lugares, inicialmente pela PUC - São Paulo (1989) e pela USP (1990). Tais tentativas se deram no campo da linguística, mais precisamente na área de linguística aplicada e subsequentemente na linguística teórica. Neste período, em janeiro de 1990, no auge da guerra do Golfo, fiz um curso de um mês no Centre International d'Études Pédagogiques - CIEP, em Sèvres, França. Esta experiência solidificou e determinou minha carreira profissional. **Eu quero ser professor de francês língua estrangeira.** Em 1993, ingressei no mestrado em literatura francesa na USP, onde permaneci até o primeiro semestre de 1995; o andarilho, que ali não encontrou guarida, enfiou a viola no saco decidindo chutar o balde. **Não quero replicar um discurso que não é meu.** Naquele momento, eu já era professor efetivo do curso de Graduação em Letras Português/Francês da UFU. (1993). Optei por aguardar o momento oportuno para ingressar novamente em um programa de mestrado. Nesse sentido, o ano de 1998 se mostrou adequado para tal empreita. Desta feita, com sucesso, cursei o programa de mestrado em linguística da UFU entre 1998 e 2000. Novamente, o espaço temporal que compreende a defesa de dissertação de mestrado e a elaboração de tese de doutorado se amplia, aguardando o desejo de refletir sobre a humanidade que constitui a formação de um professor de línguas estrangeiras mediado pelas reflexões valiosas, próprias à literatura. Um espaço de maturação, totalmente

desprendido de urgência. Em 2005, no primeiro quinquênio do século 21, dei início à formação acadêmica, nível doutorado, na área de literatura francesa, na UNESP-Araraquara, com defesa de tese realizada em junho de 2009.

Por escolha minha, compartilho com vocês, a inusitada experiência de perda e suas delicadas implicações. Experimentei o espaço compulsoriamente invasivo, que nunca pede permissão. Nesta época, o outro Giovanni, meu pai, falece inesperadamente. Tomado por um sentimento de inércia, aparentemente sem razão, o homem que sempre se alimentou de paixões e afetos não soube ancorar-se à memória daquele que o constituiu, tampouco encontrar o impulso para continuar a escrita de uma tese que lhe pareceu desprovida de sentido e por que não dizer inútil. Um texto escrito passível de lhe conferir um título de doutor; sem valia afetiva. Um mero procedimento que lhe outorgaria a entrada em outro nível, do espaço acadêmico. De um espaço que se nutre de títulos. *Insubstancial*. Foram dias difíceis registrados pela e na minha escrevivência. Por que finalizar um texto promotor da entrada em um espaço estranhamente ocupado pelo vazio? No espaço da introspecção reclusiva, felizmente percebi que a importância de um laureado pertencia ao outro Giovanni, imigrante europeu, semianalfabeto, que do seu jeito, projetava nos filhos o desejo e orgulho que não pôde ter de si mesmo. Então, quis ser doutor por ele.

Circunstância segunda



Apprendre à
apprendre: o
espaço de
professorar.

« On n'habite pas un pays, on habite une langue. Une patrie, c'est cela et rien d'autre. »

Emil Cioran

Dans mon métier, je me vois toujours exposé à des mots, de différents mots qui dessinent une bataille entre des langues apparentées. Je me vois, quelquefois, trahi par ces mots qui insistent pour cacher leurs voix. J'ai dû donc apprendre à ne plus me contenter de leur apparence et de m'en méfier. Saussure m'a montré que l'accord orchestré par la langue, le langage et la parole peut, parfois, aller de soi. Mais si l'on est plus attentif, plus sensible, on peut facilement remarquer que cette présumée harmonie « ...Or, on ne peut plus comprendre, naïvement, l'usage d'une langue quelconque comme un fait mesurable, quantifié. La langue n'existe pas indépendamment d'un sujet usager, cela est évident... » est passible de déviation. Ces détours convergent sur le désir d'entendre la voix des mots et de se faire comprendre. Lorsqu'on utilise la langue de l'Autre pour se faire entendre, il est absolument nécessaire d'utiliser des mots habités. Sans eux, on n'arrive pas à se faire comprendre ni à s'installer dans un discours partagé. Et, à mon avis, ce partage discursif garantit le droit à la parole. Il atteste la réalisation d'une action bien réussie. S'exprimer donc, à l'aide d'une langue qui n'est pas la sienne de naissance implique toute une mise en accord linguistique de la part du locuteur et la réussite dépend de son ingéniosité. C'est notamment le cas du discours littéraire, dans lequel le génie du sujet qui écrit trace le parcours qui mène à l'écoute de la voix des mots habités. (...) En reprenant l'assertion de Cioran je soutiens l'idée que nous habitons une langue, un monde partagé où n'importe qui peut avoir accès à une franco (libre) phonie. Où les mots

dépassent leur condition première de dire, pour arriver à l'incroyable condition de sentir. Les mots sont franco-dits et franco-sentis. Les sons et les sentiments les habitent ; ils sont capables d'être dévoilés par tous ceux qui les voient comme tels et aussi par tous ceux qui ont la sensibilité de les entendre. À l'horizon d'un monde qui ne se voit plus accueillant on ne pourra jamais négliger les mots habités, sauf si la meilleure option serait celle de demeurer sourd, plongé dans l'immense vide rempli de mots muets. Il n'est pas question de discussions terminologiques ! Il faut faire parler les mots. C'est leur parole qui nous mettra au centre d'un univers partagé. En les écoutant on les habite. En les habitant nous sommes, et, en étant, nous devenons concitoyens d'une seule patrie : l'humanité. Nous lui appartenons !

Desde muito cedo, como a maioria das crianças, assumi repetidas vezes, no espaço de brincar, o protagonismo do professor que abrigava, em primeira instância, a autoridade que eu acreditava necessária para legitimar o espaço que eu ocupava ou acreditava ocupar.

A humanidade inerente ao professorar sempre me atualiza e me faz sentir vivo. É uma ação de movimento em tempo espiralar, descrita por um tempo cíclico e contínuo onde passado, presente e futuro coexistem.

Com o tempo fui percebendo que professorar era minha condição primeira. Não importava a profissão que eu exercesse pois todas elas me levariam ao espaço de ensinar e aprender. A licenciatura não foi minha primeira escolha de formação acadêmica, mas nunca me senti fora do espaço em que me reconhecia. Queria ser psicólogo, mas a rebeldia, uma das minhas constituintes, não me deixou adequar às exigências disciplinares que esta profissão exigia. A Biologia me desagradava e me parecia alheia às minhas necessidades de interação com a humanidade que sempre me foi cara. A Psicologia, a princípio, me colocaria neste espaço interativo, mas cobrava de mim um conhecimento aprofundado ao qual não quis me render. Arrisquei-me por duas vezes à aprovação no vestibular, confiando talvez na sorte que porventura poderia me visitar. Em vão. Certo de que não estudaria Biologia, decidi pela licenciatura em Letras, onde a escrita e a literatura validariam aquilo que eu acreditava manusear com mais desenvoltura. Hoje, tenho convicção que seria um psicólogo atuando na Academia, na formação de outros psicólogos.

Decisão tomada, escolha ainda por ser feita. A licenciatura em Letras desta universidade, na ocasião, era na modalidade de licenciatura dupla, no caso, Português-Francês e Português -Inglês. O português era minha escolha primeira. Minha segunda escolha era não fazer inglês. Foi neste cenário que a língua francesa entrou na minha narrativa, protagonizando-se pouco a pouco no espaço de

professorar. Inserir-me no universo da aprendizagem de uma língua estrangeira e fui descobrindo que ao apropriar-me de uma língua que não era minha, eu, em certa medida, me colocava no lugar do outro. Este movimento de ir e vir de mim para o outro me permitia ocupar um espaço privilegiado que me fazia sentir especial e me dava carta branca para vivenciar a um só tempo o eu e a outridade.

Foi assim que dei os primeiros passos na minha formação acadêmica e me fiz cada vez mais humano. Percebi que ouvir e acatar diferentes vozes poderia ser o locus de compartilhamento de diferentes trajetórias, de genuínas narrativas. *Encontrei meu lugar.*

Então, o passo seguinte seria formar formadores. Dar continuidade àquilo que recebi por herança e ter como legado o desejo e o respeito pelos diferentes outros que coabitam meu entorno.

Ensinar a aprender e ensinar a ensinar.

Circunstância terceira



A universalidade da universidade:
pilares a decolonizar.

Espiar o mundo francófono, aquele fora da França, me fez perceber a necessidade de deslocar o foco de um eurocentrismo assentado em valores coloniais e universalizantes. Estudar diferentes pensadores francófonos Fanon, Césaire, Glissant entre outros, possibilitou entabular diálogos confluentes, reveladores de uma necessidade premente de decolonialidade que passam sobretudo pela temática da diversidade em oposição ao universal, como por exemplo, os conceitos do Mesmo e o do Diverso, do estudioso martinicano.

Neste cenário a Universidade ainda se apresenta edificada em um modelo universalizante que perpetua e reflete práticas coloniais hegemônicas, sustentando-se em pilares solidificados ao longo de vários anos. Seu espírito filosófico norteador propaga uma mentalidade colonial que reproduz o que se compreende por saber, ser e pensar, numa perspectiva totalizante.

Ao firmar-se na tríade estrutural Ensino, Pesquisa e Extensão, nossa universidade atualiza hierarquias intelectuais que consideram a ciência ocidental superior, desprezando os diferentes saberes que também a constituem. O Diverso também a representa.

A crença que o conhecimento científico legítimo é universal e provém de hegemonias ocidentais perpetua a colonialidade do saber. Modus operandi identificado igualmente na estruturação de seus currículos; na importância acordada à formação profissionalizante em detrimento da formação crítica; na estruturação acadêmica em faculdades e institutos; no regime de créditos; na privatização do ensino superior; na promoção da educação EaD; na regionalização dos exames de ingresso no ensino superior; nos instrumentos de avaliação docente (plano de trabalho - onde grande parte das horas de trabalho dispensadas à docência não podem ser registradas, visto que ultrapassam as 40 horas previstas legalmente), progressão e

promoção, avaliação discente; titularidade, currículo Lattes, entre outros) . Marcas coloniais eurocêntrica e/ou norte-americana inscritas na sua universalidade.

Vale destacar também a necessidade de se desmistificar a ingênua dissociabilidade desses pilares que, na prática, se hierarquizam; onde a pesquisa representa uma superioridade de status no espaço das relações acadêmicas intra e interuniversitárias. Insisto aqui no não registro do quarto pilar, representante máximo da colonialidade _ Administração/Representações _ espaço compulsório imposto ao docente, ocupando a maior parte de sua atuação acadêmica, promovendo a precarização de sua práxis.



A Circunstância quarta

Ocupação dos espaços de
docência

a) Ensino:

Graduação - espaço de herança e posse.



O ensino de língua francesa nas escolas estaduais mineiras, mais especificamente em Uberlândia, sobreviveu em algumas escolas até meados dos anos 80, ou um pouco mais. A LDB de 1961 o substituiu como disciplina obrigatória. Entre 1961 e 1970, a nova legislação deu às escolas autonomia para escolher a língua estrangeira a ser adotada. Nessa época, grande parte das escolas estaduais decidiram adotar o inglês em seus currículos. Na década subsequente viu-se um declínio significativo do ensino de francês que perde seu status de língua estrangeira obrigatória para figurar como língua optativa até o final dos anos 80. Uberlândia não fugiu à regra e, infelizmente, tivemos poucas escolas que mantiveram a escolha pela língua francesa.

Tal cenário se deu justamente nos anos em que eu cursei a licenciatura de português-francês. Os licenciandos deste período foram formados com o duplo propósito de recuperar o prestígio dessa língua para a formação humanística dos discentes do ensino de educação básica e de atender à latente necessidade e importância de se criar espaços alternativos de difusão da língua francesa, capazes de abrigar os discentes em formação, assim como os egressos dessa licenciatura.

É, nesse sentido, que o meu olhar e minha forma de professorar se desenharam. Eu e meus contemporâneos herdamos o compromisso de manutenção do ensino da língua francesa no contexto socioeducacional local e nacional. Para lograr êxito nessa empreita foi preciso conceber o espaço da sala de aula da Graduação, espaço de formação profissional, como campo de batalha a ser defendido e aprimorado incessantemente. **Comprei essa briga e me fiz professor.** O que explica de certa forma a escolha pela graduação em detrimento da pós-graduação. Foi, e ainda é, preciso garantir que os alunos da licenciatura, inicialmente dupla-português-francês, atualmente simples-francês, permanecessem motivados e comprometidos com sua formação docente, concluindo o curso, malgrado a ingênua concepção de um mercado de trabalho aparentemente pouco promissor.

Assim, de 1981 a 2026, quarenta e cinco anos dedicados à ocupação do espaço da sala de aula de graduação, vivi a experiência de aprender à aprender, de formar-me formando, como sobrevivente alojado no olho do furacão, na calmaria temporária do caos da sala de aula, no espaço de amadurecer. Nas salas de aula do bloco G, do Campus Santa Mônica, como aluno e como professor. Espaço físico que abriga toda minha narrativa acadêmica, inundada de afeto. Espaço conquistado por herança e posse.

Experimentei nestas quatro décadas pelo menos oito currículos diferentes, modificados ou ajustados. Na

licenciatura do curso de Francês ministrei aulas de língua francesa em todos os níveis, aulas de literatura francesa e francófona, aulas de metodologias de ensino de língua francesa, de ensino de português língua estrangeira e de ensino de francês com objetivos específicos (FOS), do extinto PIPE ao atual PROINTER, disciplinas de estágio supervisionado de língua francesa e de português como língua estrangeira, entre outras. Ministrei aulas no curso de Filosofia e no curso de Relações Internacionais desta Universidade. Atuei como responsável pela área de língua francesa no PIBID, por três edições. Nas duas últimas, mais precisamente nos biênios 2022-2024 e 2025-2026 orientando os discentes, por meio de um projeto interdisciplinar de línguas estrangeiras Espanhol, Francês e Inglês, a refletir sobre a importância e as implicações de uma educação linguística, no cenário da educação básica brasileira.

Ao longo de todos estes anos entabulei conversas, dialoguei, monologuei, ouvi, escutei diferentes vozes que se alternavam em diferentes pontos de vista, focos narrativos que preenchiam os espaços e os tempos de inusitadas histórias. Assim fortaleci minha humanidade enquanto acreditava formar o meu diverso, o bem mais precioso desta narrativa - meu aluno.

Espaço temporal preenchido por lembranças e experiências felizes apesar de alguns dissabores, que aqui, quero memorar.

Durante todo esse período de docência alguns desafios se apresentaram como desconfortos originários das relações interpessoais no espaço de relacionamento com alguns colegas de trabalho. Desagrados que felizmente me proporcionaram a possibilidade de reflexão e amadurecimento profissionais. Exercitaram minha ética e me levaram a compreender que pensamentos diversos fazem parte do professorar que, a seu turno, deve se atualizar continuamente. Fazer que julguei, em um primeiro momento, inoportunos e descabidos, sobretudo porque foram

executados por professores de língua materna e língua estrangeira-ínglês, partícipes do mesmo curso de licenciatura em Letras. Colegas, professores de língua, que pareceram não compreender a causa primeira de se ensinar e aprender uma outra língua e as diferentes linguagens que a constituem. Colegas, professores de língua, que ocupavam e ainda ocupam posições administrativas e de representações - direção de Instituto, coordenação de PET, pró reitorias, entre outros, e, desacertadamente, se pronunciavam desfavoráveis, junto aos discentes, ao fato de se graduar em Letras - Francês, visto se tratar de um idioma sem importância para o contexto acadêmico do espaço da educação básica brasileiro. Atestando um entendimento limitado ao associar o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira a seu caráter utilitário. Outros, mais triste ainda, colegas, professores de inglês, repetindo o icônico discurso da supremacia linguística, caracterizando os colegas, professores de francês língua estrangeira, como românticos, na acepção idealista e sonhadora do termo. Tentativa de ironizar os colegas, professores que não compartilhavam o insustentável discurso colonial. Ainda, durante estes anos, fomos abordados por um colega, professor de inglês, que nos sugeriu fazer uma especialização de espanhol língua estrangeira com o intuito de nos preparar para migrar para o curso de licenciatura em Letras - Espanhol, que se organizava para fazer parte dos cursos de Letras desta Universidade, uma vez que, segundo ele e seus pares, consoante ao cenário educacional brasileiro, o curso de licenciatura Letras Francês apresentava-se como um curso de licenciatura fadado ao fracasso. Colegas, professores de língua e linguagens, perfeitamente alinhados à ditadura dos colonizadores. Colegas, a quem, hoje, agradeço o enfrentamento e exposição a tais disparates, pois, estes embates me fizeram perceber qual espaço de docência acolheria meu desejo de responder à formação humanística e no qual minha atuação deveria se instalar como

prioritária e eficaz. O espaço de herança e de posse por meio da demarcação de território. *Aí decidi não ser professor na pós-graduação* na certeza de não poder conciliar as demandas da graduação com as imposições neoliberais de uma produção científica valorizada pelo volume de publicações em detrimento do benefício coletivo e de sua devolutiva à comunidade que a financia.



— Pós-graduação - espaço vaidoso,
deliberadamente não ocupado

b) Pesquisa:

Graduação: espaço de atualização e partilha

Nesse espaço a pesquisa sempre se fez presente e necessária ao aprimoramento do professorar. Teve como vetor a naturalização do binômio ensinar e aprender. Instalou-se na sala de aula e nas infinitas preparações que antecedem a mise-en scène do fazer professoral, transitando entre lugares de orientação e apreciação de monografias de bacharelado e de TCCs, nas áreas da tradução literária, dos estudos literários, dos estudos linguísticos comparativos latim-francês e da didática de línguas. Participação em eventos acadêmicos com apresentação de trabalho e publicação de artigos. Participação em grupos de pesquisa na área de literatura - GPEA- Grupo de Pesquisas em Especialidades Artísticas, liderado pela Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil e GEPELLF -UFU - Grupo de estudos e pesquisa em literaturas de língua francesa em suas diferentes vertentes de produção, liderado pela Profa. Dra. Jozelma de Oliveira Ramos.

Atualmente desenvolvo uma pesquisa em estudos literários, mais especificamente no âmbito do romance francófono contemporâneo. Trata-se de uma reflexão sobre a credibilidade narrativa de romances contemporâneos, neste caso, o romance francófono *Soif* (2019) da autora belga Amélie Nothomb. A pesquisa se inspira em estudos realizados pelas pesquisadoras Frances Fortier, da Universidade do Quebec em Rimouski, e Andrée Mercier, da Universidade Laval, especificamente em seu projeto de pesquisa intitulado "*Vraisemblance et autorité narrative dans le roman contemporain*", financiado pelo SSHRC do Canadá desde 2006. Representa um potencial diálogo entre

a produção literária francófona e a pesquisa acadêmica conduzida no Quebec. Esta reflexão busca definir a estrutura complexa da credibilidade narrativa do romance, identificando os marcadores textuais que revelam a autoridade narrativa, entendida, segundo as pesquisadoras mencionadas, em suas três dimensões: dinâmica, interativa e inferencial. Em que medida a autoridade narrativa é construída dentro da história escolhida, e quais procedimentos de construção são identificados que permitem a confiabilidade do romance *Soif*? Essas são as questões que buscamos responder. Por meio da voz de um personagem fictício – Jesus Cristo, o carpinteiro – o autor consegue estabelecer credibilidade e garantir a verossimilhança pretendida pela escolha do narrador e de sua história? São, portanto, questões que ressoam com os leitores contemporâneos, cada vez mais incomodados com diferentes modos de engajamento com a leitura. Assim, a reflexão empreendida se baseia em discussões iniciadas por Cécile Cavillac sobre verossimilhança pragmática, Dominique Almeida Rosa de Faria sobre ilusão autoral e Dominique Mainguénau sobre pragmática no discurso literário.

Pós-graduação: espaço do protagonismo da suplência

Nesse espaço atuei em bancas de defesa de Mestrado como membro e coorientador sobretudo na área de literatura de língua francesa. Mas vale memorar que a cena me conduz, por diferentes ocasiões, ao exercício da suplência. Tantas vezes fiz parte dela que até chego a pensar que ser a segunda opção me cai bem. A suplência parece aqui me protagonizar. (kkkkkkkk)

No âmbito de Doutorado participei como membro de bancas de defesa na área de literatura e de didáticas de línguas.

Formação acadêmica: espaço de enquadramento funcional

Desenvolvi durante os decorridos anos três pesquisas institucionalizadas e submetidas a julgamento e apreciação. A primeira delas em nível de Mestrado no Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Linguística na Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Evandro Silva Martins, intitulada “O neologismo literário: análise do valor significativo da sufixação em ‘O Coronel e o Lobisomem’ de José Cândido de Carvalho. Na qual investiguei a fantástica possibilidade da língua se atualizar diferentemente no espaço literário que abriga o ser humano em sua complexa simplicidade.

A segunda, em nível de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Outeiro Fernandes, intitulada “Le Clézio e a aventura do narrar. um estudo de ‘La Quarantaine’”. A pesquisa em questão se propôs a analisar o romance moderno e as inquietações do sujeito da modernidade, no qual um narrador-autor expondo vivências individuais, incita o leitor moderno a buscar a experiência do conhecimento de si mesmo, enquanto indivíduo, em um primeiro momento. Posteriormente, leva o mesmo leitor a estabelecer com o mundo objetivo, nas suas relações com o outro, reflexões sobre a sua condição humana por vezes absurda e insensata.

Por fim, no final de 2017 e durante o primeiro semestre de 2018, desenvolvi um estágio pós-doutoral na Université de Franche Comté - Besançon, França, área de concentração - Didactique de Langues, sob a supervisão do Prof. Dr. Serge Borg. Lá inteirei-me dos procedimentos políticos e metodológicos viabilizadores da participação da CELIN - Central de Línguas, de forma efetiva, no processo de internacionalização da UFU. Observei a estrutura acadêmico administrativa do CLA - Centre de Linguistique

Appliquée, estudei a logística de centros de língua, sua dinâmica, estrutura organizacional e engenharia de formação pedagógica. Neste período pude participar da formação para aplicadores e corretores de provas escritas e orais dos exames de proficiência de língua francesa DELF e DALF, níveis A1, A2, B1 e B2 e elaborei cursos de formação de professores - FOS e de Intercompreensão em Línguas Românicas com objetivo de instrumentalizar técnicos administrativos envolvidos diretamente com os trâmites da legalização da mobilidade estudantil, responsáveis pela leitura e compreensão de textos escritos institucionais; mais especificamente, para a compreensão de textos escritos (formulários, demandas e preenchimentos de solicitações formais) requeridos pelas universidades internacionais.

b) Extensão: espaço de projeção estendido - diálogo(s) em atualização

O espaço da extensão sempre se apresentou para mim como um espaço de grande importância, por tratar-se de um espaço promotor da difusão da língua francesa e culturas francófonas. Para além do prazer de se trabalhar com a comunidade acadêmica e comunidade externa, a necessidade de se marcar território sempre encontrou aí guarida.

Ao longo de todo período de minha atividade professoral atuei como elaborador e executor de inúmeros projetos de extensão, em um trabalho coletivo, desenvolvido em parceria com os docentes de língua francesa desta instituição. À vol d'oiseau, vou memorar aqui alguns deles, cuja escolha se deve a sua originalidade e receptividade. Seguirei uma linha

temporal que vai de um passado distante, anos 90 à atualidade.

O primeiro deles se tratou de um projeto conjunto entre docentes de língua francesa e língua inglesa; intitulado “*Míror & Míroir*”. Este projeto era um concurso de poemas em línguas francesa e inglesa aberto às comunidades interna e externa da UFU, no qual, os discentes das licenciaturas e da Central de Línguas, dispunham de um espaço de criação literária, beneficiando-se do exercício do uso da língua estrangeira e de premiações simbólicas.

Ainda na mesma década, tivemos o “*Sing along chanson*”. Projeto que teve uma grande receptividade pelos discentes de línguas estrangeiras, preferencialmente francês e inglês, que se aventuravam a cantar em público músicas que lhe eram caras. Este projeto também foi idealizado e executado em parceria com os docentes das línguas estrangeiras dos cursos de licenciatura em Letras, de nossa universidade.

Na primeira década dos anos 2000, destacamos outra iniciativa de extensão que teve várias edições: “*Allons au cinéma*”. Por meio de exibições de filmes e musicais franceses e francófonos, seguidos de debates estabelecidos por especialistas de diferentes áreas, configurava-se em um espaço de ampliação dos conhecimentos artístico-literários veiculados pela filmografia em língua francesa. Vale destacar que se tratava de uma realização também aberta à comunidade externa, que, a seu turno, se apresentava assídua e ávida de conhecimentos. A professora Maria Stela Marques Ochiucci, coordenadora do projeto, solicitava a colaboração voluntária dos participantes na doação de produtos não perecíveis, a serem distribuídos com a comunidade em situação de vulnerabilidade, exercendo assim a cidadania, respondendo a uma necessidade básica de inclusão social e parceria com a comunidade em geral.

Na última década, 2010, os projetos de extensão foram se atualizando para responder à filosofia que lhes fundamentava, ou seja, às diretrizes básicas da Extensão

Universitária - o diálogo com a comunidade externa à Universidade, num movimento bilateral de ensino e aprendizagem de saberes coletivos a serem partilhados. Desenhou-se um cenário com alguns projetos extensionistas de grande abrangência e significativa representatividade. Citamos, inicialmente o **“Café Littéraire”**, projeto que reuniu em permanente diálogo as pessoas interessadas na literatura de expressão francesa que se reuniam quinzenalmente para discutir e refletir sobre determinada obra, escolhida a priori. Outro projeto que desejo valorizar é o **“Club de conversation”**. Por meio desta iniciativa, os interessados na conversação em língua francesa se reúnem quinzenalmente para um encontro presencial no qual temas da atualidade e/ ou discussão linguísticas são estabelecidas, gerando debates e reflexões em língua francesa. Tais encontros são supervisionados pelos docentes de língua francesa do nosso curso e conduzidos pelos membros do referido clube.

A partir de 2018, com a instalação de um novo currículo no curso de Graduação em Letras Francês e literaturas de língua francesa, desta Universidade, outro projeto foi iniciado, a partir de atividades desenvolvidas na disciplina Leitura em Língua Francesa, do 1º período do nosso curso. O **“Journal Bonne Idée”** concebido, inicialmente, como uma atividade didática, foi aos poucos tomando vulto no cenário extensionista do curso e hoje, em sua 10ª edição, composto por diferentes rubricas, integra regularmente a lista de projetos de extensão, promovidos pelo curso de Letras Francês. O **“Journal Bonne Idée”**, dentre outras funções, promove um intercâmbio de saberes, atuando como espaço de expressão escrita, disponível às comunidades interna e externa à UFU, local, regional, nacional e internacional. Assim, a iniciativa vitoriosa emergiu de práticas discursivas desenvolvidas em sala de aula para se fixar como um periódico semestral/anual representativo das ações do curso, da sociedade e do mundo, trata-se de uma ação extensionista, um jornal escrito estabelecendo uma relação dialógica com a comunidade

externa além de atuar como ferramenta de divulgação de textos de temas variados, em diferentes gêneros do discurso escrito em língua francesa. A exposição à leitura e à prática da escrita na língua estrangeira contribuem para a formação crítica de seu falante e funcionam como facilitadores de sua aprendizagem.

Nesse sentido, o projeto contribui para a formação do sujeito leitor/scriptor desde sua entrada no curso, pois o discente é levado a participar ativamente da elaboração do jornal, exercitando suas habilidades de leitura e de escrita e se constituindo como cidadão crítico, a partir do intercâmbio possibilitado pelas “boas ideias” ali discutidas. Neste projeto exerço a função de redator chefe, coordenando, revisando e selecionando os textos a serem publicados. Entendo o *Journal Bonne Idée* como um valioso espaço de demarcação de território de uso da língua francesa, em que diferentes vozes encontram ressonância. Um espaço, ao mesmo tempo, acadêmico e socialmente inclusivo. A partir da pandemia, as edições passaram a figurar-se na modalidade on-line, contribuindo fortemente para ampliação de seu alcance. Destaco que entre os colaboradores do periódico, contamos com estimada participação da Sra. Nelly Sionnière, como revisora de textos, uma vez que ela foi especialista da área. Uma colaboradora que gentilmente, de sua casa na França, dispensa seu tempo, revisando a ortografia e produção linguística em língua francesa, garantindo, nessa atuação, a acuidade linguística necessária para uma boa redação.

Outras iniciativas extensionistas foram desenvolvidas ao longo dos trinta e cinco anos de docência e se repetem regularmente, tais como: *Soirée Culturelle Française*, *Bains linguistiques*, *Semaine de la Francophonie*, entre outras.

Projetos extensionistas de vulgarização científica são igualmente desenvolvidos pelos docentes de língua francesa, nas áreas de FLE e de Português Língua Estrangeira. O projeto ENIPLE - *Encontro Interdisciplinar de Português Língua Estrangeira*, encontra-se já em sua 4ª edição, de

periodicidade bienal, onde são discutidas as pesquisas e ações educativas na área de ensino aprendizagem de PLE, em seus diferentes âmbitos educacionais e sociais. O projeto *Semana Científica De Língua Francesa*, acontece semestralmente e acolhe a apresentação e defesa dos *Trabalhos de Conclusão de Curso* de nossos discentes.

Por último, resalto o projeto de extensão mais recente sob minha coordenação e supervisão: *Curso de Língua Francesa: Primeiros Passos 60+*. A ação empreendida como desafio responde a um desejo de se compartilhar o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira com pessoas cujas narrativas, em algum momento, se esbarraram com esta língua, seja na escola, seja nas inúmeras vezes que assistiram à filmografia francesa, seja nos devaneios da memória, embalados pelas idílicas canções francesas. Em parceria com a *UNAI - Universidade Amiga da Pessoa Idosa*, projeto de extensão da nossa Universidade, há dez anos em funcionamento, o *Curso de Língua Francesa Primeiros Passos 60+* insere seus alunos em um contexto de aprendizagem da língua francesa, distribuídos em duas áreas específicas, a saber: língua francesa e culturas francófonas. Conta, em seu segundo módulo com 27 alunos, cuja faixa etária, em média, está entre 63 e 84 anos. Como ação inclusiva ela está ligada à disciplina de Estágio Supervisionado de Língua Francesa e funciona como espaço de ensinar e aprender, de formação acadêmica e humana., fundamentada na troca indissociável de saberes inundados de afeto e expectativas.

d) Gestão e representações administrativas: espaço compulsório.

A Gestão e as representações administrativas ocupam, compulsoriamente, significativa parte das horas destinadas ao nosso trabalho docente. Quarto pilar que figura no entre-

lugar da estrutura universitária, aparentemente às margens dos três outros componentes da clássica tríade ensino-pesquisa-extensão. Digo aparentemente pois acredito que a conveniência justifica a escolha de assentamento, ou seja, situar-se à margem desta tríade não lhe confere a denominação de um outro pilar, evitando questionamentos sobre a excessiva demanda que dele se oriunda.

Preenchi e preencho esse espaço com efetiva e constante participação enquanto representante docente de língua francesa, dos colegiados e coordenações de diferentes instâncias administrativas de nossa Instituição: a) Colegiado do Curso de Letras - membro e coordenação interina, b) Colegiado do Curso de Graduação em Letras Francês e Literaturas de Língua Francesa, c) Colegiado da Central de Línguas, d) Colegiado de Extensão - COEX, e) Coordenador Geral da Central de Línguas, f) Coordenador Pedagógico da Central de Línguas, g) NDE - presidente e membro, h) Representante Institucional de língua francesa no Programa Idiomas Sem Fronteiras, i) Aplicador e Corretor do exame de proficiência de língua francesa - DELF, j) Elaborador e corretor de provas de vestibular, k) Elaborador, aplicador e corretor de provas de exame de suficiência de língua francesa, l) Participação como membro de Comissão Permanente de Avaliação e Progressão docente, m) Participação como membro e presidente de Banca de Concurso para Professor Efetivo e para Professor Substituto do Curso de Graduação em Letras Francês, n) Participação como membro e presidente de Comissão de Revalidação de Diplomas, o) Participação de Comissão de Reformulação do PPC do Curso de Graduação em Letras Francês e Literaturas de Língua Francesa, citando apenas alguns.

Circunstância stop-over



Quando eu crescer quero ser
professor de francês da Celin...

Desde minha entrada no ensino superior, em agosto de 1981, como discente, o universo das línguas e linguagens foi aos poucos me absorvendo, me seduzindo ao se mostrar disponível a diferentes apropriações. A língua francesa, em sua estrangeiridade, desafiava-me a cada instante, levando-me a ir além, na tentativa e expectativa de me pertencer no encontro com outro, que ingenuamente se parecia estranho, sem, contudo, sê-lo, em sua essência.

Professorar desde cedo foi um objetivo por mim perseguido. Professorar por meio do personagem que eu criava para protagonizar, o professeur que conquistava espaço na cena, foi uma descoberta intrigante e vaidosa. Poder atuar em língua francesa representava ser o diferente que no encontro com diferenças se reconhecia e se atualizava, à la fois. Uma mise-en-scène no espaço da sala de aula que lentamente me emponderava. Uma temporada bem-sucedida suscitava uma outra e uma posterior. Descobri-me professor e gostei disto.

No ilimitado espaço de atuação, a Celín (Central de Línguas), logo cedo se desenhou como espaço de afeto, seguro e promotor de mudanças. É em sua direção que eu sempre olhava e fazia planos de fazer parte do seu corpo docente. Toda trama articulatória de conquista de um espaço privilegiado tal como a Celín arquitetava-se a cada momento, adaptando-se e renovando-se em novas descobertas, a cada nova exigência do fazer acadêmico. Portanto, a minha motivação de aprender cada vez mais a língua francesa traduz-se em saber ensiná-la de forma efetiva e gloriosa. Sempre houve em mim um desejo de partilha, uma necessidade de multiplicar aquilo que eu parecia saber.

As trilhas que percorri nunca me levaram a ser professor da Celín, mas, ali finquei pé como coordenador acadêmico, como professor formador e como coordenador geral. Esta última função, movida pela necessidade de se impor frente à recorrente e equivocada crença de uma supremacia

linguística, se firmava como uma garantia para assegurar o lugar de oferta das diferentes línguas estrangeiras e, na ocasião, o da língua espanhola que corria o risco de não ser mantida no quadro das línguas daquele centro, devido ao pequeno número de discentes interessados por ela. Então, o professor em mim aventurou-se a ser coordenador geral, acreditando que ao ocupar tal cargo, teria voz e atitude necessárias para se fazer ouvido. O que felizmente aconteceu. O olhar voltado para as minorias me foi dado geneticamente pela minha mãe. Herança inestimável.

Hoje, quando a Celín comemora seus 50 anos, vejo que nossa trajetória se imbrica continuamente como uma onda senoidal que se renova em constante movimento. Ambos, se fizeram, ao longo de vários anos no mesmo espaço de aprender e ensinar da UFU. Apesar de tanto tempo, desde o início de nossos percursos, *eu ainda continuo querendo ser, quando crescer, professor de francês da Celín.*

Preparando-me para um stop-over, marcado para março do próximo ano, mais precisamente, em seu primeiro dia, já no primeiro semestre de 2027, data da minha aposentadoria, vejo-me na condição daquele que relembra e tenta avidamente gravar na memória e nos sentidos que o fazem humano, os momentos da sala de aula. Estes, a partir de então se revestem de tons pálidos e vão se instalando e ocupando um cantinho da memória, reservado ao assentamento das emoções que antecedem o final desta longa temporada.

Sobrevivente de uma situação pandêmica mundial avassaladora, intensificada pela crueldade de um despropositado descaso nacional, o homem professor viu sua condição fragilizar-se na interface do seu igual, muitas vezes mais debilitado em sua condição de vulnerabilidade. Nesse momento, um inusitado cenário apresentou-se indesejavelmente fluído e desconfortável. Como recriar-se em um mundo que não mais se mostra acolhedor? Como professorar o compartilhamento de saberes, de esperanças a

partir de então? Momentos difíceis de incerteza, solidão e descrédito.

Por outro lado, situações conflitantes nos levaram à reinvenção de nós mesmos. O professor, da noite para o dia, foi lançado na virtualidade de tempos e espaços de uma modernidade líquida, premente de soluções. O espaço da sala de aula _antes seguro e acolhedor_ agora se mostra irrecuperável. O giz e a lousa, então dispensáveis, usufruem seus anos sabáticos. As telas dos computadores se apresentam, como nunca, como espaços de passagem, condutores dos conhecimentos materialmente compartilhados. **O professorar do idoso se revestiu de modernidade e fez cara de sabido,** (apesar de muitas vezes pagar o vexame de se enrolar nas próprias pernas).

Anos que nos fizeram refletir sobre nossa condição humana, compreender e admitir nossa pequenez. Preenchidos por aprendizados que aparentemente puderam ser materializados: promotores de novos olhares. Novas posturas. Novos saberes que, antes, de tão sólidos, se desmancharam no ar.

Acredito que aprendi com Narciso e Teseu. Aprendi, também, não mais perguntar por quem os sinos dobram, mas ao contrário, escutar o que eles anunciam. Perceber, pelos sentidos, que seu repique pode ser seguido e suscitado involuntariamente pela memória. Pelo cheiro de afeto de uma madeleine, por uma lembrança querida atestando a presença do outro, pela escuta de diferentes vozes que de tão habitadas, em silêncio, nos indicam o percurso certo que nos garantirá, sempre que quisermos, revisitar os infinitos labirintos que nos constituíram ao longo de tantas memórias.

Ser professor é estar embriagado por elas!

Circunstância apostrófica...



É assim que eu quero ser
lembrado!!!

No inverno do cerrado mineiro as noites de prosa e causos se iluminam sob o clarão da lua que de tão poética rege as estrelas ávidas de brilho; vaidosas de exuberância. Estrelas que têm nomes, histórias, particularidades e protagonismo na lembrança daquele que nunca deixa de professorar e anseia eternizá-las, seja nas narrativas contadas no quentim de um abraço, ou registradas nos intermináveis rascunhos de um livro de poemas que não desiste de ser escrito.

Sob esse céu estrelado o memorar do professor se atualiza em sua espacialidade fantástica. E espera pacientemente a primavera que se avizinha, para autorizar seus vagalumes luzídios, de discreta bioluminescência, a atingir o esplendor das estrelas e se protagonizar no infinito do firmamento.

É lembrando dos meus vagalumes-estrelas que me recordo de mim. É nas artimanhas da memória que meu desejo de ser lembrado se aninha, sem nenhuma cerimônia., tampouco estranheza.

Invocar lembranças é (re) alocar estrelas, é engrandecer o universo com mais um brilho, mais um lugar de fala, mais um lugar de escuta, mais um espaço de interação. Assim, ao longo dessa interminável viagem, tive a honra de compartilhar com pessoas memoráveis momentos e conquistas que não seriam possíveis sozinho. Ora piloto, ora navegador, em um rally, ao mesmo tempo desafiador e sedutor, dividi a genuína tarefa de professorar, com humanos estelares, companheiros que me ajudaram a ascender profissionalmente acendendo comigo as diferentes luzes que compõem as inusitadas tramas de nossas trajetórias.

Memorar é criar espaços. Aqui entendido como espaço de designação afetiva. Locus de partilha de desejos e sonhos, projetos e realizações, mudanças e renovações. Vozes iluminadas que povoam minha condição humana. Prosas que podem ser lidas, ouvidas, cheiradas, degustadas e tocadas com a simplicidade da disposição às trocas.

Aquí, disponibilizo algumas das inúmeras linhas que de tão queridas se fazem poemas e luzes que coabitam para sempre minha existência.

“Um certo professor Giovanni...”

Como descrever o professor Giovanni Ferreira Pítillo? Filho de pai italiano e mãe brasileira, que abraçou o ensino de uma língua estrangeira como ofício?

Um mestre na plena acepção do termo, posto que, para além de ensinar francês, nos ensinou a respeitar a nossa língua materna, definindo o que isso significa, em suas atitudes e palavras...

No segundo período do curso de Letras, em 1991, já “abduzida” pela língua francesa, eis que me deparo com esse professor, que seria responsável pela disciplina Francês 2 naquele semestre... Sempre criativo e muito inspirado, suas aulas nos motivavam a ir sempre além do que o livro didático propunha e suas tarefas e avaliações nos propunham caminhos para “aller toujours plus loin” ...

Naquele momento, minha decisão pela escolha da habilitação em língua francesa se deveu, em grande parte, ao estímulo gerado em mim pelas aulas desse professor genial, com quem eu teria a oportunidade de trabalhar junto anos mais tarde....

Ainda durante a graduação, por volta de 1993, fui guiada ao conhecimento das literaturas francesa e francófona pelas mãos de Giovanni e, posteriormente, já nos semestres finais do curso, em 1995/96, foi ele quem me orientou no estágio supervisionado curricular e em minhas primeiras experiências como professora em formação na CELIN (1997).

Hoje, passados tantos anos da minha formação, ao lembrar minha trajetória como aprendiz, posso afirmar que minha escolha profissional se definiu no olhar do professor Giovanni, que sempre viu em seus alunos e alunas gemas preciosas,

prontas para serem esculpidas por suas sábias e pacientes mãos.”

*Maria Stela Marques Ochiucci - 1ª graduação (1991-1996) -
31 anos na época*

“No ano de 1997, aluna do 8º período do curso de Letras, ainda não havia tido a oportunidade de cursar nenhuma disciplina com o professor Giovanni Ferreira Pitillo. Como estagiária na Central de Línguas, já o conhecia como o coordenador que me incentivava a enfrentar os desafios do ensino da língua francesa. Pude consolidar minha aprendizagem por meio da Prática de Ensino da Língua Francesa II. Com o professor Giovanni, aprendi a superar as dificuldades da docência, mesmo quando me faltava domínio de determinados conteúdos. Dinâmico, competente e bem-humorado, mostrou-me o verdadeiro significado do ensino por meio da literatura. Foi assim que, em 1998, nas disciplinas Literatura Francesa I e II, aprendi a apreciar a poesia e a analisar a prosa. Para mim, o professor Giovanni sempre será o mestre que me inspirou, orientou e formou por meio de críticas construtivas e elogios.”

Juliana Resende Soares Duarte, aluna do curso de Letras Francês (1994 -1998) e professora de língua francesa da Celin

“Em 2001, o professor Giovanni foi meu orientador de Monografia em Francês, com um tema na área de tradução, no Curso de Bacharelado em Letras, na UFU. Nunca me esqueço de como nossas interações eram harmoniosas e produtivas; da pertinência das sugestões, da gentileza, do bom humor. Mas o que marcou ainda mais foi isto: não nos conhecíamos, eu o

procurei porque não encontrei disponibilidade entre meus professores e ex-professores; ele disse que não tinha experiência com o tema, mas aceitava o desafio. Assim, as recusas anteriores acabaram sendo uma feliz oportunidade para mim.”

*Florisia de Lourdes Brito, aluna do curso de Letras Francês
(2001)*

“Giovanni foi meu professor durante as disciplinas Francês I, II e III. Sempre senti que suas disciplinas se desenrolassem tal qual uma orquestra: ele na posição de maestro e nós, os alunos, os músicos, sendo a própria língua francesa a sinfonia na sala de aula, sinfonia essa da orquestra, não de um professor isolado. Além dessa visão, a figura Giovanni soa como inspiração. Ele é um atencioso professor e excelente ouvinte, que expressa genuinamente sua satisfação ao observar seus alunos aprendendo, crescendo e conquistando seus sonhos e seus objetivos.”

*João Lázaro Ribeiro Caixeta, aluno do Curso de Filosofia
(2018)*

“O Giovanni foi o professor que mais me deu aulas durante a licenciatura em Letras Francês. Ao todo, foram 9 disciplinas, incluindo o TCC, do qual foi meu orientador. E foi esse percurso, marcado por tantos encontros ao longo da graduação, que me levou a escolhê-lo como orientador.

Logo na nossa primeira disciplina junto, numa última atividade avaliativa, que consistia em fazer um relatório, o Giovanni foi muito acolhedor com uma crítica que eu pontuei sobre o curso. Ali, eu tive a certeza de que eu o escolheria como

meu orientador de TCC, mesmo ainda nem sabendo o tema que eu desenvolveria.

Um semestre depois, em uma disciplina que discutia a interdisciplinaridade entre literatura/língua e outras artes, eu fiquei surpreso com o caráter compreensivo que o Giovanni demonstrou em relação a minha proposta de aula que buscava relacionar “liaisons” com “arquitetura”. E ele entendeu tudo.

Essa mistura de acolhimento e compreensão foi uma marca registrada do Giovanni durante a orientação do meu TCC, somada à coragem de encarar um tema com o qual qualquer outro professor de língua francesa teria dificuldade: o latim, ponto de partida da minha pesquisa. Soma-se a essa parceria, o fato de ele ter se mostrado um orientador extremamente organizado e comprometido com o meu projeto, transmitindo-me a tranquilidade necessária para percorrer essa jornada exaustiva que é um TCC.

Por fim, esse interesse e essa preocupação com meu trabalho resultaram em um dos momentos mais icônicos da elaboração do TCC, quando o Giovanni, com sua incrível sensibilidade e criatividade, sugeriu aquele que viria a ser o melhor título (e o mais adequado ao meu estilo) para o meu TCC. Sou muito grato por todos esses momentos!”

Díogo Alexandre Nunes Silva, aluno do curso de Letras
Francês (2018-2022)

« Bonjour cher professeur et ami Giovanni Pitillo,

Je souhaiterais, par le biais de ce courriel, vous exprimer ma sincère gratitude pour le privilège et l'honneur que j'ai de vous compter parmi mes directeurs de mémoire de fin d'études dans le cadre de notre cursus de Langue Française et de Littérature à l'UFU.

Les qualités que j'apprécie chez vous, notamment votre éthique humaniste et votre conduite professionnelle en tant qu'enseignant, font de vous un professeur admiré par vos collègues et vos étudiants à l'UFU depuis plus de trois décennies. J'apprécie beaucoup votre approche pédagogique, qui s'apparente à celle du chercheur Paulo Freire, car vous nous amenez à apprendre en nous invitant à réfléchir aux problèmes et aux moyens de les résoudre. Cette approche, fondée sur un dialogue efficace et le travail d'équipe, m'influence et m'inspire positivement dans ma volonté de devenir un futur professeur de FLE (Français Langue Étrangère)

C'est votre éthique professionnelle, qui consiste à enseigner toujours avec joie, selon l'approche de Paulo Freire, qui m'inspire et me donne envie de vous imiter dans l'enseignement du français langue étrangère. Il s'agit d'une méthodologie critique et constructive, axée sur l'acquisition de nouvelles connaissances et la proposition de solutions, toujours mises en œuvre dans le cadre d'un travail d'équipe ou d'un dialogue fiable et efficace avec vous.

Notre relation amicale est sincère et vous me donnez toujours des conseils fiables et efficaces qui me permettent d'adopter un comportement éthique envers mes professeurs, mes camarades de classe et même envers mes étudiants du cours Stage Supervisé II en FLE, auquel je suis inscrit au cours de ce semestre universitaire 2025/2 à l'UFU. Enfin, des conseils pour favoriser des échanges avec les personnes susmentionnées, dans le respect, l'éthique, la productivité intellectuelle et d'être à l'écoute des autres.

Je vous remercie également de m'avoir conseillé de ne jamais abandonner ce cursus et de croire avec enthousiasme que le fruit de mon engagement dans mes études sera couronné de succès et m'ouvrira la voie vers un avenir prospère, qui me permettra même de poursuivre des études supérieures au sein du programme de troisième cycle en études littéraires de l'UFU - maîtrise et doctorat.

Si je ne vous avais pas rencontré, cher ami le professeur Giovanni, je n'aurais pas pu suivre ce cursus jusqu'à aujourd'hui et je n'aurais pas osé imaginer poursuivre des études de troisième cycle en littérature française. Votre soutien et vos encouragements, qui ont été déterminants, sont essentiels pour que je puisse continuer avec enthousiasme et optimisme à consacrer toutes ces années à l'apprentissage et à l'enseignement de la langue française.

C'est avec les meilleures intentions que je vous remercie du fond du cœur, je vous remercie avec sincérité et amitié. Chaque fois que vous aurez besoin de mon aide et que je pourrai vous apporter mon soutien, vous pouvez toujours compter sur moi ! Je serai toujours disponible pour vous aider et pour que nous travaillions ensemble, en équipe, vers la réussite.

*Cordialement,
Marlos »*

Marlos Rodrigues dos Santos, aluno do 8º período do curso de Letras Francês e orientando de TCC. (2026)

“Ao longo da minha trajetória formativa no curso de Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o professor Giovanni Ferreira Pitillo exerceu um papel fundamental na minha constituição como futuro professor de Francês como Língua Estrangeira (FLE). Sua atuação como docente, coordenador pedagógico da CELIN/UFU, desde o meu ingresso no projeto de extensão, em agosto de 2024, até os dias atuais, e como coordenador do PIBID, no subprojeto Línguas Estrangeiras, nas edições de 2022-2024 e 2025-2026, nas quais atuei, contribuiu significativamente para ampliar minha compreensão sobre o

ensino de línguas e concepção de língua, assim como sobre a prática pedagógica e a responsabilidade ética e crítico-reflexiva implicada na formação docente. Suas orientações, sempre marcadas pelo rigor intelectual, pela escuta sensível, pela generosidade e pela abertura ao diálogo, ajudaram-me a compreender que ensinar francês vai muito além do domínio linguístico, pois envolve planejamento, reflexão crítica, mediação didática, atenção às necessidades dos estudantes e compromisso com uma educação pública de qualidade. No âmbito da CELIN/UFU, suas contribuições foram decisivas para que eu pudesse aprimorar minhas práticas em sala de aula, pensar minhas escolhas didático-pedagógicas com mais consciência e desenvolver maior segurança na condução das aulas de FLE. No PIBID, sua orientação também foi essencial para que eu compreendesse a importância da iniciação à docência, da observação crítica da realidade escolar e da articulação entre teoria e prática na formação inicial de professores, experiência que posteriormente fundamentou a publicação do artigo “O PIBID e a formação inicial de professores de Francês como Língua Estrangeira: reflexões a partir do subprojeto de Línguas Estrangeiras da UFU”, publicado em abril de 2026, na Revista P@rtes, em coautoria com a professora Klívia de Cássia Silva Nunes, pela plataforma da Capes, o que reforça a relevância acadêmica da publicação e evidencia um desdobramento concreto das experiências formativas vivenciadas sob sua coordenação. Essa produção acadêmica representa, para mim, um desdobramento concreto das experiências formativas vivenciadas sob sua coordenação, evidenciando como sua atuação favoreceu não apenas minha prática docente, mas também minha inserção na pesquisa e na escrita acadêmica sobre a formação de professores de FLE. Diante disso, reconheço que as contribuições do professor Giovanni Ferreira Pitillo foram fundamentais para a minha formação inicial, especialmente pela articulação entre pesquisa e extensão. Sua atuação na CELIN/UFU e no PIBID possibilitou experiências significativas de iniciação à

docência, ao mesmo tempo em que incentivou a reflexão crítica, a escrita acadêmica e a produção de conhecimento a partir da prática pedagógica. Assim, sua orientação contribuiu não apenas para o meu desenvolvimento como professor de FLE em formação, mas também para minha inserção mais consciente e comprometida na universidade pública.”

Lucas Barbosa Trindade, professor em formação da CELIN,
aluno do 8º período do Curso de Letras Francês e orientando
de TCC (2026)

Como ex-aluno do curso de Letras (Inglês e licenciaturas), tive o privilégio de ser aluno do professor Giovanni Ferreira Píttilo no segundo semestre de 2009 (4º período), na disciplina Metodologia do Ensino de Português para Estrangeiros. Desde o primeiro dia, sua nítida paixão pela docência e a habilidade de conectar discussões teóricas a experiências reais de sua carreira tornaram o semestre extremamente produtivo. Além de um excelente professor, ele foi um mentor crucial no início da minha trajetória profissional, que se deu na mesma época em que fui seu aluno, quando me voluntariei para lecionar português a intercambistas da universidade. Sua orientação prévia, análise minuciosa dos meus planos de aula, supervisão constante das aulas com os estrangeiros e o suporte e apreciações construtivas após as observações de aulas me deram a segurança que eu não tinha como iniciante. Guardo um carinho imenso por ele, que permanece, de forma definitiva, como uma das minhas maiores inspirações na carreira docente.

Raphael Fonseca Porto, ex-aluno do Curso de Letras e professor de inglês da Celin. UFU

Enfim, é assim que quero ser lembrado: pela força e desejo da memória involuntária (não há no mundo memória mais genuína).

Quero ser lembrado quando o cheiro do café coado denunciar minha presença na cantina. Quando uma gargalhada ecoar nos corredores do bloco G.

Quero ser lembrado quando um abraço sincero te envolver com carinho.

Quero ser lembrado quando o espaço de escuta se fizer necessário, quando o som das batidas de um sino significar mais que partida e for convite à chegada e à permanência."

É no colo de uma boa prosa espichada que quero ser lembrado.

Na expressão cotidiana de um simples ato de ensinar e aprender, eu sempre estarei, de bom grado, onde eu for involuntariamente lembrado.

Professor Giovanní

P.S. Após sua leitura, gentileza deixar o memorial-carta no mesmo lugar em que foi "acidentalmente" esquecido para ser reencontrado enquanto for memorável.

